

A Visão de Berger sobre Religião, Secularização e Pluralismo

Erivelton da Silva Lopes¹

Shirley Cristina Cabral Nascimento²

Eliane da Costa Lopes³

Aquila Mescouto Miranda⁴

Ivete Furtado Siraides Silva⁵

Resumo:

O artigo explora as contribuições de Peter L. Berger para a compreensão da relação entre religião, secularização e modernidade, dando destaque a sua teoria do pluralismo cognitivo e suas implicações no mundo contemporâneo. O objetivo é analisar como Berger reinterpretou o conceito de secularização, reconhecendo que a modernidade não necessariamente leva ao declínio da religião, mas à sua transformação em formas mais individualizadas e pluralistas. A metodologia consiste em uma revisão teórica das ideias de Berger, contextualizando-as com estudos recentes e exemplos globais. Ele define secularização como a subtração de setores da sociedade e cultura ao domínio das instituições religiosas, mas argumenta que isso não elimina a religião, apenas a desinstitucionaliza. Os resultados mostram que a secularização não é uniforme: enquanto na Europa Ocidental há maior secularização institucional, nos Estados Unidos e no Sul Global a religião permanece resiliente, especialmente em movimentos neopentecostais e fundamentalistas. As conclusões enfatizam que a espiritualidade individualizada ("espiritual, mas não religioso") reflete a busca por autonomia na construção de significados transcendentais. No campo educacional, isso exige abordagens inclusivas que promovam valores universais e habilidades como empatia e pensamento crítico, preparando os indivíduos para navegar em um mundo pluralista. Também se torna essencial compreender os múltiplos pertencimentos religiosos, respeitando identidades híbridas e os diversos modos de expressão da fé no cotidiano, especialmente em sociedades marcadas por intensa diversidade cultural e religiosa.

Palavras-chaves: Secularização; pluralismo religioso; espiritualidade.

¹ Doutorando em Ciências da Educação, Dinâmica Social Pós-moderna e Religiosidade, Florida University of Science and Theology (Fust University). Flórida. EUA. Professor da Secretaria Municipal de Santa Bárbara do Pará e da Secretaria Municipal de Educação de Belém

² Doutora em Engenharia Mecânica pela Universidade Federal do Pará. Rio de Janeiro, Brasil. Professora da Universidade Federal do Pará.

³ Graduanda em Licenciatura em Química.

⁴ Mestra Em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professora da Secretaria Municipal de Santa Bárbara do Pará e da Secretaria Estadual de Educação do Estado.

⁵ Especialista em Educação Especial. Professora da Secretaria Municipal de Santa Bárbara do Pará.

Abstract:

This article explores Peter L. Berger's contributions to understanding the relationship between religion, secularization, and modernity, highlighting his theory of cognitive pluralism and its implications for the contemporary world. The aim is to analyze how Berger reinterpreted the concept of secularization, recognizing that modernity does not necessarily lead to the decline of religion, but to its transformation into more individualized and pluralistic forms. The methodology consists of a theoretical review of Berger's ideas, contextualizing them with recent studies and global examples. He defines secularization as the subtraction of sectors of society and culture from the domain of religious institutions, but argues that this does not eliminate religion, but only deinstitutionalizes it. The results show that secularization is not uniform: while in Western Europe there is greater institutional secularization, in the United States and the Global South religion remains resilient, especially in neo-Pentecostal and fundamentalist movements. The conclusions emphasize that individualized spirituality ("spiritual but not religious") reflects the search for autonomy in the construction of transcendental meanings. In the educational field, this requires inclusive approaches that promote universal values and skills such as empathy and critical thinking, preparing individuals to navigate a pluralistic world.

Keywords: Secularization; religious pluralism; spirituality.

Introdução

Peter L. Berger, um dos mais sociólogos importantes da religião do século XX, apresentou uma perspectiva, rica e multifacetada acerca da conexão entre religião e secularização no mundo moderno. Para Berger (1967): "[...] a secularização é o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominações das instituições e símbolos religiosos". Em contraste, ele cita que a modernidade cria ambientes sociais marcados pela "desinstitucionalização" das tradições religiosas, ao mesmo tempo em que proporciona oportunidades para as novas formas de manifestação espiritual. Nesse contexto, Berger menciona o seguinte:

[...] "a religião representa o ponto máximo da auto exteriorização do homem pela infusão, dos seus próprios sentidos sobre a realidade. A religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser. Ou por outra, a religião é a ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo" [...] (Berger, 2009, p. 41).

A relevância de suas concepções torna-se ainda mais evidente ao analisar os debates contemporâneos sobre a coexistência entre religião e secularismo. No cenário presente, caracterizado pelo pluralismo cultural, avanços tecnológicos e globalização, assuntos como a diversidade religiosa, a emergência de novas formas de espiritualidade e a influência das religiões nas esferas públicas ganham mais destaque. Segundo Berger (2017), o pluralismo é “fato empírico” que tem por eixo a dúvida, por meio da qual abrange uma diversidade de concepções com potencial de permeabilidade em todas as culturas, desde que se mostrem acolhedoras e receptivas.

Nesse cenário, a análise de Berger oferece contribuições relevantes para compreender como a religião se adapta e ressignifica sua presença na vida social em diferentes contextos. Segundo o autor, em consonância com uma perspectiva inclusivista, a aceitação do pluralismo deve ocorrer com base no respeito às convicções individuais, evitando os “falsos absolutos do fanatismo” (Berger, 1994, p. 499). Para Costa (2023), as igrejas inclusivas são coletivos independentes e altamente diversificados, o que reforça a importância de uma abordagem aberta à multiplicidade religiosa. Assim, a leitura de Berger fornece uma perspectiva valiosa sobre como a religião pode se renovar e manter sua relevância na sociedade contemporânea, deixando um legado marcado pela tolerância e pelo respeito mútuo.

Por derradeiro, o objetivo deste artigo é compreender como Berger reinterpretou a teoria da secularização, argumentando que a modernidade não extingue a religião, mas a transforma, promovendo formas mais individualizadas e pluralistas de crença.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e teórica, de natureza exploratória, sustentada em uma revisão bibliográfica e interpretativa do pensamento de Peter L. Berger, com foco especial em suas contribuições para a compreensão das relações entre religião, secularização e pluralismo na modernidade. Trata-se de um estudo de caráter analítico que visa não apenas recuperar conceitos-chave elaborados pelo autor, como “pluralismo cognitivo” e

“desinstitucionalização da religião”, mas também interpretá-los à luz de transformações contemporâneas nos campos religioso, educacional e cultural.

Para isso, foram mobilizadas fontes primárias — especialmente obras fundamentais de Berger (1967, 1985, 1994, 1999, 2009, 2017), bem como textos clássicos e contemporâneos de autores que dialogam ou problematizam suas ideias, como Hervieu-Léger (2008), Zygmunt Bauman (2004; 2011), José Casanova (1994), Voegelin (1982), e outros estudiosos da espiritualidade individualizada e dos movimentos de dessecularização, como Prazeres (2021, 2022), Cruz (2015) e Mariz (2000). Também foram considerados trabalhos interdisciplinares das áreas da educação, psicologia, comunicação digital e ciências da religião.

A investigação seguiu os seguintes procedimentos metodológicos:

- Levantamento e seleção do corpus teórico: foram reunidas obras clássicas de Berger e de autores correlatos, além de artigos acadêmicos e ensaios publicados em revistas científicas indexadas, que tratam da interface entre religião, secularização e contemporaneidade. A busca incluiu palavras-chave como “secularização”, “pluralismo religioso”, “espiritualidade individualizada”, “desinstitucionalização” e “modernidade líquida”, com recorte temporal privilegiando produções dos últimos 20 anos;
- Análise interpretativa e hermenêutica do conteúdo: partindo de uma leitura crítica, foram identificadas categorias analíticas centrais, como pluralismo cognitivo, mercado simbólico da fé, espiritualidade personalizada, resistência fundamentalista e reconfiguração da esfera pública religiosa. A análise seguiu uma perspectiva hermenêutica sociológica, que permite interpretar os conceitos à luz de suas implicações sociais, culturais e subjetivas, bem como suas ressignificações na atualidade;
- Diálogo interdisciplinar e contextualização empírica: embora a pesquisa tenha caráter teórico, buscou-se dialogar com dados empíricos presentes na literatura — como o crescimento de comunidades religiosas híbridas, o uso da internet como espaço espiritual e as disputas por presença

religiosa no espaço escolar e terapêutico. Essa etapa permitiu ampliar a compreensão das ideias de Berger, conectando-as a fenômenos atuais observáveis em contextos diversos (Estados Unidos, Europa, Sul Global, Brasil);

- Identificação de limites e contrapontos teóricos: por fim, a metodologia compreendeu a problematização da aplicabilidade da teoria de Berger no cenário contemporâneo. A partir das críticas de autores como Mariz (2000) e dos desafios apontados por Dal-Farra e Geremia (2010) à especialização acadêmica, procurou-se evidenciar as limitações da abordagem sociológica tradicional diante da complexidade da espiritualidade individualizada e das novas dinâmicas religiosas mediadas pela globalização e pelo ambiente digital.

Portanto, a metodologia aplicada, se ancora em uma leitura rigorosa e ampliada das obras de Berger, em diálogo com contribuições críticas e complementares, visando uma compreensão multifacetada do fenômeno religioso na modernidade e suas implicações nos campos educacional, psicológico e social. Esta estratégia teórica permite não apenas reinterpretar conceitos clássicos da sociologia da religião, mas também refletir sobre suas ressignificações diante das transformações culturais, tecnológicas e espirituais do século XXI.

Resultados e Discussões

A Teoria de Berger sobre Secularização e Modernidade

Para Peter L. Berger (1985 p. 119), “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos”. Ele introduz o conceito de “pluralismo cognitivo”, que trata o estado de incerteza e multiplicidade de significados gerados pela modernidade, que viu em sociedades quase modernas, porque a religião estava profundamente entrelaçada com normas sociais e culturais, oferecendo uma visão unificada para compreender a realidade do mundo. Contudo, com o advento da era moderna, a expansão do conhecimento científico, o surgimento de várias correntes filosóficas e a crescente diversidade religiosa levaram à fragmentação desses

sistemas de crença unificados ligados por séculos. Para mais, é necessário reconhecer que até mesmo fenômenos claramente seculares na Modernidade ocultam uma lógica religiosa (Prazeres, 2021, 2022; Voegelin, 1982; Cruz, 2015). E com isso, esse pluralismo cognitivo enfraquece a capacidade das instituições religiosas tradicionais de impor suas narrativas como verdades absolutas, resultando na chamada "desinstitucionalização" da religião.

Na mesma linha de pensamento, nas interpretações de Berger (1967) e Luckmann (1967), por meio dos processos de secularização e pluralização, o campo religioso adquire os contornos de um mercado, tornando-se também um mercado de significados. Nesse mercado simbólico, instituições religiosas, políticas e sociais, dominando os mecanismos de marketing, entram em relações e em processos de negociação e competição entre si para ocupar fatias do espaço simbólico e promover seus serviços. Além disso, a secularização moderna levou muitas pessoas a abandonarem ou questionarem tradições religiosas, o que pode criar um vácuo existencial difícil de preencher ao longo da vida.

Em relação a secularização como problema sociológico, Berger "Traçou um caminho intelectual no qual, em sua etapa inicial, afirmou que "a modernidade acarreta necessariamente um declínio da religião" (Berger 2017, p.11); na sua etapa seguinte, adotou uma postura favorável à ideia de "dessecularização do mundo"; para, por fim, admitir:

"Contudo, agora estou preparado para conceder que os teóricos da secularização não estão tão errados como eu achava antes. Compreendo agora mais plenamente a realidade global do discurso secular, não só na Europa e nas associações do corpo docente em todo o mundo, mas também na vida de muitos crentes comuns que conseguem ser tanto seculares quanto religiosos. Eu diria que são estas pessoas que realizam o ato de equilíbrio cognitivo prototípico da modernidade, e com este ato modificam a forte dicotomia entre os teóricos da secularização e aqueles que anunciam "o retorno dos deuses" (Berger, 2017, p.15).

Nesse contexto, o pluralismo cognitivo não apenas fragmenta os sistemas simbólicos tradicionais, mas também intensifica a individualização da experiência religiosa. Cada indivíduo passa a ser o principal responsável pela construção de sua própria cosmologia, escolhendo, reinterpretando ou mesmo

criando significados que ressoem com sua realidade existencial. Isso gera uma multiplicidade de formas de crer e viver a espiritualidade, que muitas vezes escapam aos marcos institucionais convencionais. Como destaca Hervieu-Léger (2008), há uma crescente “religião à la carte”, marcada por trajetórias individuais descontínuas, onde a autoridade religiosa tradicional cede espaço a experiências subjetivas e fluidas de fé.

Por outro lado, esse cenário de diversidade também pode provocar reações de resistência ou fundamentalismo, justamente como uma tentativa de recompor uma ordem simbólica estável frente à incerteza promovida pela modernidade. Grupos religiosos que se sentem ameaçados por esse pluralismo podem buscar formas rígidas de afirmação identitária, buscando na tradição uma âncora diante do caos de significados. Portanto, o processo de secularização não deve ser visto como um simples declínio da religião, mas como uma reorganização complexa e multifacetada das formas de crer, negociar e disputar sentido no mundo contemporâneo.

Em suma, Berger enfatiza que a secularização não ocorre de maneira uniforme em todas as sociedades. Existem contextos culturais, históricos e políticos específicos que moldam de forma distinta a interação entre religião e modernidade. Por exemplo, em países europeus ocidentais, a secularização institucional tem sido mais pronunciada, enquanto em regiões como os Estados Unidos, assim como em outros países ou em outras partes do mundo islâmico, a religião mantém uma presença significativa na vida pública. Em vista disso, essa variabilidade em muitos lugares demonstra que a secularização não é um destino inevitável, mais um processo complexo e contextualizado, cujo desenrolar depende de fatores diversos, como identidade e ideias de um grupo

Diálogo com o Contexto Contemporâneo: Pluralismo Religioso e Resiliência Espiritual

No cenário contemporâneo, a teoria de Berger se manifesta particularmente de forma marcante no fenômeno do pluralismo religioso e na persistência da espiritualidade, mesmo em sociedades aparentemente secularizadas em diversas sociedades. O crescimento da mobilidade global,

facilitado por avanços tecnológicos e redes de comunicação, permitiu que diferentes tradições religiosas convivessem em espaços antes dominados por uma única fé e que ao longo dos anos foi se transformando e que nos últimos foi de forma bastante acelerada essa transformação em diversos campos, como, por exemplo, na religião. Adiante, Berger nos chama atenção ao fato de “o pluralismo tem o efeito de relativizar as cosmovisões, trazendo à mente o fato de que o mundo pode ser compreendido de maneiras diferentes”. (Berger, 2017, p. 68), sinalizando não um desaparecimento da fé, mas sua diversificação e deslocamento para novas formas e linguagens.

Esse pluralismo, ainda que possa diluir a autoridade das crenças religiosas tradicionais, também criou oportunidades para a reinvenção e revitalização espiritual do indivíduo. Nos Estados Unidos, onde Berger observou uma maior resiliência religiosa em comparação com a Europa, a coexistência de diversas tradições incentivou a formação de comunidades inter-religiosas e o surgimento de movimentos híbridos, como o cristianismo evangélico com traços de outras culturas — fenômeno fortemente influenciado pelo multiculturalismo. Essa dinâmica exemplifica a ideia de Berger de que a modernidade, embora desestabilize sistemas religiosos herdados, também impulsiona novas formas de engajamento espiritual, capazes de responder a anseios individuais por significado, pertencimento e transcendência.

Complementando essa análise, Zygmunt Bauman (2011) contribui ao destacar que vivemos em uma “modernidade líquida”, em que as instituições e valores sólidos do passado deram lugar a relações mais voláteis e flexíveis. Nesse contexto, a espiritualidade também se torna fluida: ao invés de seguir doutrinas rígidas, muitos indivíduos constroem seus próprios caminhos religiosos, combinando elementos distintos de diversas tradições — um processo que chama de “bricolagem espiritual”. Essa espiritualidade personalizada surge como uma forma de resistência frente à insegurança existencial da vida moderna, preenchendo lacunas deixadas pela fragilização dos vínculos sociais e religiosos tradicionais.

Para mais, observa que, na ausência de instituições religiosas hegemônicas, a fé deixa de ser um destino coletivo para se tornar uma escolha

individual, marcada por constante negociação identitária. Essa liberdade, embora libertadora, também impõe ao sujeito o peso da responsabilidade por sua própria trajetória espiritual. Nesse sentido, o pluralismo religioso contemporâneo não elimina a religiosidade, mas a transforma em um campo de busca contínua, onde a resiliência espiritual se manifesta justamente na capacidade de adaptação, reinvenção e convivência com a diferença, características centrais da experiência religiosa no mundo globalizado e fragmentado.

Essa realidade evidencia como a espiritualidade contemporânea é cada vez mais marcada por trajetórias singulares, construídas em meio à diversidade de ofertas simbólicas e experiências religiosas disponíveis. As pessoas transitam entre crenças, rituais e práticas com maior liberdade, moldando sua fé a partir de vivências pessoais, emoções e necessidades existenciais. Essa reconfiguração da experiência religiosa revela não apenas uma mudança na forma como se crê, mas também na função que a religião passa a exercer: menos centrada em instituições e mais voltada para a produção de sentido em uma sociedade marcada por incertezas e transformações constantes.

A Espiritualidade Individual

De acordo com Hervieu-Léger (2008), o panorama religioso do fim do século XX foi marcado pela disseminação de modos de crer cada vez menos conformados a modelos institucionais tradicionais: modos de crer individualista; tendência crescente de deslocamento dos sujeitos religiosos e de diversificação das trajetórias percorridas; e disjunção das crenças e das pertencências confessionais. Para muitos, a religião organizada pode parecer rígida ou desalinhada com suas experiências pessoais e valores modernos existentes, levando-os a explorar formas alternativas de conexão com o divino, o cosmos ou o eu interior para a sua salvação.

Com isso, o acentuado traço individualista e as ambiguidades (entre, por exemplo, absolutismo e liberdade individual ou privada) de seus códigos subculturais limitam sua capacidade para transformar a sociedade e influenciar a esfera pública (Smith, 1998, p. 218-220). Posto isso, a espiritualidade

individualizada, frequentemente está associada à expressão "espirituais, mas não religiosos", reflete uma tendência contemporânea em que as pessoas buscam significados transcendentais fora das instituições religiosas tradicionais.

Já no campo educacional, essa tendência traz consequências significativas, especialmente no que diz respeito à formação integral do ser humano. Avante, educadores enfrentam o desafio de reconhecer e respeitar a diversidade de perspectivas espirituais em sala de aula e em todo meio acadêmico, promovendo um ambiente inclusivo que vá além da simples tolerância religiosa. Com essa conjuntura, ao invés de focar exclusivamente em doutrinas específicas, a educação pode se beneficiar ao integrar reflexões sobre valores universais, a ética e o bem-estar interior, que dialoguem com as necessidades dessa nova configuração espiritual englobando todos os escolares e trabalhadores da educação.

Nesse sentido, embora a espiritualidade individualizada ofereça liberdade e autenticidade para muitos sujeitos, ela também impõe desafios quanto à construção de vínculos comunitários e à sustentação de projetos coletivos de transformação social. A ausência de referências comuns pode dificultar o diálogo inter-religioso ou interespiritual, criando barreiras à convivência ética e solidária entre diferentes visões de mundo. Por isso, compreender essa nova configuração espiritual exige não apenas reconhecer sua legitimidade, mas também refletir sobre formas de reconstruir laços de pertencimento em meio à diversidade, reforçando a importância da escuta, da mediação cultural e da educação como instrumentos de coesão e convivência pacífica.

Esse cenário de busca espiritual fora das estruturas convencionais encontra eco no pensamento de Zygmunt Bauman (2004), que associa a modernidade líquida à fragilidade dos vínculos duradouros e à constante fluidez dos compromissos. Na lógica líquida da contemporaneidade, os indivíduos passam a experimentar a espiritualidade como algo pessoal, mutável e desconectado de obrigações institucionais. A espiritualidade torna-se, assim, um "produto" ajustado às exigências da autonomia individual, sendo consumida e descartada conforme as necessidades emocionais e existenciais do momento. E essa leveza dos compromissos também revela uma profunda insegurança

ontológica, na qual o sagrado deixa de ser um ponto de referência estável e passa a ser continuamente reformulado.

Porém, por mais que a espiritualidade individualizada ofereça liberdade e autenticidade para muitos sujeitos, ela também impõe desafios quanto à construção de vínculos comunitários e à sustentação de projetos coletivos de transformação social. A ausência de referências comuns pode dificultar o diálogo inter-religioso ou interespiritual, criando barreiras à convivência ética e solidária entre diferentes visões de mundo. Por isso, compreender essa nova configuração espiritual exige não apenas reconhecer sua legitimidade, mas também refletir sobre formas de reconstruir laços de pertencimento em meio à diversidade, reforçando a importância da escuta, da mediação cultural e da educação como instrumentos de coesão e convivência pacífica.

Limitações da Teoria de Berger: A Especialização Acadêmica e a Complexidade da Espiritualidade Individualizada

Embora a teoria de Berger forneça insights valiosos sobre a relação entre religião e secularização, ela enfrenta desafios significativos ao tentar abordar a crescente tendência de espiritualidade individualizada, particularmente em sua aplicação prática e especialização acadêmica. Para Cecília Mariz, Berger admite em *The Desecularization of the World*, que houve sim alguns tipos de secularização, mas isso não significa afirmar “a crença de que a modernidade vá necessariamente gerar o declínio da religião como um todo nos diferentes níveis, tanto social quanto individual” (Mariz, 2000, p. 27).

Um dos principais empecilhos reside na dificuldade de enquadrar a espiritualidade individualizada dentro de categorias analíticas tradicionais. No entanto, a espiritualidade individualizada, caracterizadas por práticas e crenças altamente singularizadas, muitas vezes escapa a essas classificações. Por diante, apercebe-se que a especialização acadêmica contemporânea também impõe limitações à abrangência da teoria de Berger. Assim, disciplinas como psicologia, neurociência e outros estudos culturais têm produzido extensa literatura sobre a experiência espiritual individual e isso faz com que muitas vezes, vem-se utilizando métodos qualitativos e quantitativos que diferem da abordagem

sociológica de Berger, conseqüentemente, há uma crescente variedade de material para estudos sobre o tema.

Desse modo, Dal-Farra e Geremia (2010) propõem três alternativas para que a espiritualidade possa ser incluída nas discussões acadêmicas, como: oferecer diretamente na matriz curricular assuntos que reforcem a importância do tema na prática profissional, também discutem o oferecimento de cursos de extensão e estágios complementares previstos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Superior, e a possibilidade de um diálogo transversal onde possa ser discutido a importância do tema para as práticas educativas. E Essas abordagens complementares fornecem insights que a teoria de Berger, centrada em dinâmicas sociais e institucionais, não consegue capturar plenamente. Logo, a falta de integração entre diferentes campos acadêmicos dificulta uma compreensão holística da espiritualidade individualizada o que acaba prejudicando outras abordagens.

Os Movimentos de Dessecularização

O fenômeno dos movimentos de dessecularização, marcado pelo crescimento de movimentos religiosos pentecostais e fundamentalistas, tem ganhado destaque nas discussões sobre educação e psicologia. Peter Berger, em sua obra *The Desecularization of the World* (1999), argumentam que a secularização, longe de ser um processo irreversível, vem sendo contestada pelos fortalecimentos de práticas e crenças religiosas em diversas sociedades. Esses movimentos, especialmente os pentecostais, têm influenciado a educação ao promoverem valores religiosos em espaços escolares, muitas vezes desafiando a laicidade do ensino. Na psicologia, observa-se já há alguns impactos no comportamento e na subjetividade dos indivíduos, que passam a adotar visões de mundo mais dogmáticas e menos abertas ao pluralismo.

Diante dessa reconfiguração, é possível observar que o avanço desses movimentos religiosos também opera como uma resposta às inseguranças existenciais e às crises de identidade que marcam o mundo contemporâneo. Em contextos de instabilidade econômica, violência e desagregação social, muitas pessoas encontram nas comunidades religiosas um espaço de pertencimento e

apoio emocional. Essa função terapêutica da religião, muitas vezes mais presente nos movimentos pentecostais e neopentecostais, reforça sua inserção em práticas sociais e educativas, aproximando fé e cuidado de modo pragmático e cotidiano.

Contudo, esse fortalecimento religioso em espaços públicos e institucionais levanta questões sobre os limites entre liberdade religiosa e o respeito à diversidade cultural e espiritual. Em escolas públicas, por exemplo, há relatos de tensões entre a promoção de valores cristãos e a presença de alunos de outras religiões ou sem filiação religiosa. Na psicologia, o risco de práticas terapêuticas baseadas exclusivamente em princípios religiosos reside na possibilidade de negligenciar abordagens científicas e éticas amplamente consolidadas. Assim, a dessecularização demanda um olhar crítico e equilibrado, capaz de reconhecer a importância da espiritualidade sem comprometer os princípios de pluralismo e laicidade que sustentam uma sociedade democrática.

Outro autor relevante, José Casanova, em *Public Religions in the Modern World* (1994), destaca que a dessecularização não representa um retrocesso, mas uma reconfiguração do papel da religião na esfera pública. No contexto educacional, isso se traduz em uma maior pressão para a inclusão de conteúdos religiosos no currículo escolar, enquanto, na psicologia, há uma crescente busca por terapias e práticas de cuidado emocional baseadas em princípios religiosos característico de cada crença/religião. Esses movimentos, portanto, não apenas desafiam a secularização, mais também redefinem as relações entre religião, educação e saúde mental, exigindo uma reflexão crítica sobre seus impactos na sociedade contemporânea em busca de algo melhor.

O Efeito da Globalização e a Internet na Religião

A globalização e o advento da internet têm transformado profundamente a maneira como as práticas e crenças religiosas se manifestam e se disseminam. Manuel Castells, em *A Sociedade em Rede* (1996), argumenta que a internet cria um espaço virtual onde as religiões transcendem fronteiras geográficas, permitindo a formação de comunidades religiosas globais. E isso tem impactado em diversos meios, como: a educação, pois as instituições de ensino precisam

lidar com alunos influenciados por uma diversidade de tradições religiosas e muitas vezes acessadas de forma autônoma e fragmentadas pela internet e muitas vezes, sem filtros.

Diante desse novo cenário, torna-se urgente promover o desenvolvimento de competências socioemocionais e interculturais, a fim de que os sujeitos possam aprender a lidar com a pluralidade de formas de crer e viver a espiritualidade. Com isso, aprender a respeitar o diverso (religião, pensamento político — claro, não de visão fascista — raça, cultura, gênero) passa a ser um eixo formativo essencial, pois acrescenta à formação uma compreensão mais ampla do outro, movendo-se da mera tolerância para o verdadeiro respeito pelo diferente.

Isso se reflete na educação, onde os liceus enfrentam o desafio de integrar valores globais e locais em seus currículos, respeitando a diversidade religiosa dos escolares e, algumas vezes, de alguns trabalhadores da educação. A internet, ao mesmo tempo em que conecta e amplia horizontes, também fragmenta e relativiza a autoridade das tradições religiosas, exigindo dos educadores uma postura crítica diante dos conteúdos consumidos online e uma mediação cuidadosa para evitar a propagação de discursos de ódio ou desinformação religiosa.

Na psicologia, o meio digital, sobretudo em regiões altamente conectadas, amplifica a oferta de recursos religiosos, como meditações guiadas, pregações online e grupos de apoio virtual, o que pode tanto fortalecer a fé quanto gerar ansiedade diante da sobrecarga de informações ou das pressões idealizadas de espiritualidade expostas nas redes. Nesse ponto, o desafio é desenvolver ferramentas que ajudem os indivíduos a filtrarem conteúdos, compreenderem suas emoções e buscarem conexões espirituais mais autênticas e saudáveis.

Ademais, deve-se considerar que o ambiente virtual, por ser acessível e interativo, tem sido utilizado não apenas por lideranças religiosas tradicionais, mas também por influenciadores espirituais que transitam entre diversas crenças. Esse fenômeno contribui para a hibridização religiosa, em que elementos de diferentes tradições são combinados em práticas sincréticas e personalizadas. Isso desafia os modelos clássicos de pertencimento religioso,

ao mesmo tempo em que exige da educação e da psicologia uma nova gramática interpretativa que acolha essas múltiplas formas de religiosidade contemporânea.

Por derradeiro, essa realidade híbrida e multifacetada impõe a necessidade de reflexão ética e pedagógica sobre o papel da tecnologia na formação da espiritualidade. Instituições educacionais e profissionais de saúde mental precisam reconhecer a internet como um novo território espiritual, cujas influências não podem ser ignoradas. Isso inclui tanto o potencial emancipador do acesso ao conhecimento e à partilha de experiências quanto os riscos de manipulação emocional, intolerância e esvaziamento simbólico das tradições religiosas. Portanto, globalização e internet devem ser compreendidas não apenas como meios, mas como ambientes onde a espiritualidade se reconstrói, se expande e também se tensiona.

Considerações Finais

Destarte, a principal contribuição de Berger está em sua capacidade de desconstruir a narrativa clara e direita da secularização, oferecendo uma visão mais diversificada da interação entre religião e modernidade. Ele também nos alerta para o fato de que a secularização não é um processo monolítico, mas sim, isso um fenômeno com vários aspectos, moldado por fatores culturais, históricos e políticos. Dessa forma, essa perspectiva ajuda a explicar o porquê algumas sociedades experimentam um declínio institucional mais pronunciado em relação a outras, enquanto outras mantêm uma vitalidade religiosa significativa e prospera.

Contudo, as limitações da teoria de Berger também merecem atenção crítica. Essa sua abordagem, centrada em dinâmicas institucionais e coletivas, enfrenta dificuldades ao lidar com a espiritualidade individualizada, que frequentemente transcende as categorias tradicionais de religião e a secularização. Por diante, a teoria de Berger continua a ser um ponto de partida valioso para o estudo da religião e da secularização no mundo contemporâneo. Quase nesse contexto, Aquino (2023), cita que o estudo das religiões deveria se

deter na linguagem do homo religiosus e apreender o seu sentido; em outras palavras [...], na consciência humana, a dimensão simbólica do fenômeno religioso.

À vista disso, ao ver contribuições de Berger, pode-se avançar para uma compreensão mais desenvolvida das transformações religiosas no contexto atual, que podem aprimorar a religiosidade do ser humano. As teorias de Berger sobre secularização e pluralismo são fundamentais, mas é preciso considerar as novas formas de religiosidade que surgem na sociedade moderna e isso prevalece ou não em algumas sociedades. A fé, antes restrita às instituições tradicionais, agora se expressa de maneira mais individual e em comunidade. Essa mudança oferece oportunidades para uma experiência religiosa mais pessoais e profundas. Além disso, a coexistência da religião com a modernidade abre espaço para uma religiosidade em mutação aos novos tempos, sem perder suas raízes de transcendência.

Referências

AQUINO, T. A. A. Em busca de um sentido conceitual da religião: do logos ao nomos. *Revista Reflexão*, v. 48, e238493, 2023.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BERGER, P. L. *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. New York: Anchor Doubleday, 1967.

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo, Paulinas, 1985.

BERGER, P. L. *Una gloria remota. Avere fede nell'epoca del pluralismo*. Bologna: Il Mulino, 1994.

BERGER, P. L. *The Desecularization of the World (org), The Desecularization of the World; Resurgent Religion and World Politics*. Grand Rapids, 1999.

BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado*. São Paulo: Paulus, 2009.

BERGER, P. L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Tradução Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017a.

BERGER, P. L. *O imperativo herético: possibilidades contemporâneas da afirmação religiosa*. Tradução Flávio Gordon. Petrópolis: Vozes, 2017b.

CASANOVA, J. *Public religions in the modern world*. University of Chicago Press. 1994.

CASTELLS, M. *The information age: economy, society and culture, reprinted* 1999, Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

COSTA, D. M. Igreja inclusiva: fórmula discursiva entre a paráfrase e a polissemia. *Almanaque Multidisciplinar De Pesquisa*, v. 9, n. 2, 2023. Recuperado de <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/amp/article/view/7734>.

CRUZ, E. R. da. Breves notas sobre o Estudo das Religiões Seculares, com menção ao caso das Ciências Naturais. *Revista Paralellus*, Recife, v. 6, n. 13, p. 309-330, jul./dez.2015.

DAL-FARRA, R. A., & GEREMIA, C. Educação em saúde e espiritualidade: Proposições metodológicas. *Rev. bras. educ. méd*, v. 34, n. 4, p. 587-597, 2010.

HERVIEU-LÉGER, D. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUCKMAN, T. *A religião invisível: o problema da religião na sociedade moderna*. Nova York: The Macmillan Company, 1967.

MARIZ, C. L. Secularização e dessecularização: Comentários a um texto de Peter Berger. *Revista Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 25-39, 2000.

PRAZERES. *Manifestações antidemocráticas pró-governo Bolsonaro em 2020: uma análise a partir do conceito de representação em Eric Voegelin*. In: ALBUQUERQUE, Andréa Depieri; SOUZA, Marco Aurélio Dias de. *Observatório da democracia da UFS: 25 registros de ataques e ameaças à democracia brasileira*. São Cristóvão: Editora UFS, 2022. p.55-72.

SMITH, C. S. (org.). *American evangelicalism: embattled and thriving*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

VOEGELIN. *A nova ciência da política*. Brasília: Editora UNB, 1982.